

ÇAMITIBA

# quem Ama, Educa!

*Formando cidadãos éticos*

O MAIOR  
BEST-SELLER EM  
EDUCAÇÃO DO PAÍS,  
AGORA EM NOVA  
VERSÃO!

*INTEGRARE*  
EDITORA

İÇAMİTİBA



**quem  
Ama,  
Educa!**

*Formando cidadãos éticos*



*INTEGRARE*  
EDITORA

Copyright © 2007 Içami Tiba  
Copyright © 2007 Integrare Editora Ltda.

Publisher  
Maurício Machado

Assistente editorial  
Luciana Nicoleti

Produção editorial e acompanhamento  
Miró Editorial

Preparação de texto  
Márcia Lígia Guidin

Revisão de provas  
Eliel Silveira da Cunha  
Carla Bitelli  
Maria Aiko Nishijima

Projeto gráfico de capa e miolo  
Alberto Mateus

Diagramação  
Crayon Editorial

Fotos de quarta capa e orelha  
André Luiz M. Tiba

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Tiba, Içami

Quem ama educa! : formando cidadãos éticos /  
Içami Tiba. -- Ed. atual. -- São Paulo : Integrare Editora, 2007.

Bibliografia.  
ISBN 978-85-99362-16-7

1. Crianças - Criação 2. Educação - Finalidades e objetivos  
3. Educação de crianças 4. Família 5. Felicidade em crianças 6.  
Pais e filhos I. Título.

07-8774

CDD-649.1

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Pais e filhos : Educação familiar 649.1

Todos os direitos reservados à INTEGRARE EDITORA LTDA.  
Rua Tabapuã, 1.123, 7º andar, conj. 71/74  
CEP 04533-014 - São Paulo - SP - Brasil  
Tel: (55) (11) 3562-8590  
Visite nosso site: [www.integrareeditora.com.br](http://www.integrareeditora.com.br)

# SUMÁRIO

Prefácio de <i>Haim Grünspon</i> . . . . .	21
Introdução . . . . .	25

## PARTE 1 • EDUCAÇÃO: COMO VIVE A FAMÍLIA HOJE?

CAPÍTULO 1 <b>Evolução da mulher e de sua maternidade</b> . . . . .	35
Mulher feminista . . . . .	36
Mãe feminista . . . . .	36
Marido da feminista . . . . .	37
Filhos da feminista . . . . .	37
Mulher dondoca . . . . .	37
Mãe dondoca e a <i>working-mother</i> (mulher que trabalha) . . . . .	38
Marido da dondoca . . . . .	39
Filhos da dondoca e da <i>working-mother</i> . . . . .	39
Mulher feminina . . . . .	40
Mãe feminina . . . . .	41
Marido da feminina . . . . .	42
Filhos da feminina . . . . .	43
Mulher mãe <i>versus working-mother</i> . . . . .	45
Mãe maternal . . . . .	45
Marido da mulher mãe . . . . .	45
Filhos da mulher maternal . . . . .	46
Mulher polivalente . . . . .	47
Mãe polivalente . . . . .	47
Marido da mulher polivalente . . . . .	48
Filhos da mulher polivalente . . . . .	49
Educação racional sempre . . . . .	49

<b>CAPÍTULO 2 Mãe &amp; pai: duas faces da mesma moeda</b> . . . . .	52
Por que “pais” no lugar de “mãe e pai”? . . . . .	52
Mulher é muito diferente de homem . . . . .	55
Evolução do papel de pai . . . . .	57
O nascimento do casal . . . . .	58
As armadilhas da culpa . . . . .	62
A mãe presente, o pai reticente . . . . .	65
<b>CAPÍTULO 3 A educação do “sim”</b> . . . . .	70
Parafusos de geléia . . . . .	73
O amor formando auto-estima . . . . .	74
Auto-estima empreendedora . . . . .	78
<b>CAPÍTULO 4 Três estilos de agir</b> . . . . .	79
Comportamento estilo vegetal . . . . .	79
Comportamento estilo animal . . . . .	81
Comportamento estilo humano . . . . .	83
Cuidado, mamãe! (e você também, papai!) . . . . .	84
Cuidado, papai! (e você também, mamãe!) . . . . .	85
<b>CAPÍTULO 5 Ser feliz</b> . . . . .	86
Felicidade egoísta . . . . .	87
Felicidade familiar . . . . .	89
Felicidade comunitária . . . . .	90
Felicidade social . . . . .	91
<b>CAPÍTULO 6 Gente gosta de gente</b> . . . . .	92
Infância: aprendendo com outros e com seus pares . . . . .	94
Aprendendo com os pares . . . . .	95
Puberdade: buscando a identidade sexual . . . . .	97
Adolescência: procurando a identidade social . . . . .	98
Maturidade: educando os pequenos . . . . .	99

Senescência: adolescência na velhice . . . . .	100
Velhice: crepúsculo da vida . . . . .	102
Religiosidade ou religião? . . . . .	102
Mais que gregário, social . . . . .	104

## PARTE 2 · CAMINHOS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO

<b>CAPÍTULO 1 Unidos desde o princípio . . . . .</b>	<b>109</b>
O homem grávido . . . . .	111
Pai integrado . . . . .	114
<b>CAPÍTULO 2 O primeiro ano . . . . .</b>	<b>115</b>
Amamentação: seus segredos . . . . .	116
A rotina das mamadas . . . . .	118
Paz para a criança dormir . . . . .	121
Onde o bebê deve dormir? . . . . .	122
Onipotência infantil para não dormir . . . . .	124
Ritual do sono . . . . .	126
Sono do dia . . . . .	126
Sono da noite . . . . .	126
Papai ajuda mamãe . . . . .	129
Hora da papinha . . . . .	130
Tudo vai para o chão . . . . .	131
O início da formação da auto-estima . . . . .	133
<b>CAPÍTULO 3 Filhos não nascem com manual . . . . .</b>	<b>134</b>
Novas bases relacionais . . . . .	135
Filhos fazem <i>pit stop</i> . . . . .	138
O desafio de educar . . . . .	139
Tudo vai à boca . . . . .	141
Reis e rainhas mirins . . . . .	142

Pais que deixam o filho ganhar o jogo . . . . .	143
O prazer de estar limpinho... . . . .	145
...e com os dentes branquinhos! . . . . .	146
Pais como elefantes em loja de cristais . . . . .	148
<b>CAPÍTULO 4 Situações críticas . . . . .</b>	<b>149</b>
A chegada de um irmão . . . . .	150
Cada filho é único! . . . . .	152
Um único filho . . . . .	154
Crianças hiperativas . . . . .	155
Crianças-mal-educadas . . . . .	158
Intermináveis porquês . . . . .	159
Birra afetiva . . . . .	160
Lágrimas de crocodilo . . . . .	162
Pega na mentira . . . . .	164
Que bagunça! . . . . .	165
Quanta briga! . . . . .	166
Pequenas delinqüências . . . . .	169
Conseqüências no lugar de castigos. . . . .	171
<b>CAPÍTULO 5 Auxílio de terceiros . . . . .</b>	<b>174</b>
Babás: a importância de orientar bem . . . . .	174
Televisão e videogames . . . . .	178
Creches . . . . .	179
Avós: salvadores ou vilões? . . . . .	180
Dia dos avós. . . . .	182
Animais de estimação também auxiliam?. . . . .	184
A parte que cabe à escola. . . . .	186
A escola na educação infantil . . . . .	188
Pais & escola: bela parceria . . . . .	190
Qual é a melhor escola? . . . . .	191
A arrumação da mochila escolar . . . . .	193

Evitando a repetência escolar . . . . .	194
Estudar é obrigação . . . . .	194
Lição de casa e auto-estima . . . . .	195
<b>CAPÍTULO 6 Pais separados...</b> . . . . .	200
...que ainda vivem juntos . . . . .	200
Separação dos pais . . . . .	201
O fatídico almoço de domingo . . . . .	203
Alimentando a auto-estima familiar . . . . .	204
De quem é a culpa? . . . . .	205
Conversa com os filhos . . . . .	206
Universo dos “ex”. . . . .	210
Separada e exuberante . . . . .	213
Famílias unipessoais . . . . .	213
Os filhos no fogo cruzado . . . . .	214
Pai folgado, mãe sufocada ou vice-versa . . . . .	216
Meu filho, minha vida! . . . . .	216
<b>CAPÍTULO 7 Cidadania dentro da nova família</b> . . . . .	218
Diferentes relacionamentos familiares . . . . .	220
Segundo casamento . . . . .	222
Mãe sozinha educando os filhos . . . . .	225
Pai sozinho educando os filhos . . . . .	228
O universo da adoção . . . . .	230
Argumentos cruéis . . . . .	232
Filhos pelo DNA . . . . .	234
<b>CAPÍTULO 8 Geração digital e o desafio de educá-la</b> . . . . .	236
Novas gerações que dominarão o mundo . . . . .	237
Geração <i>zap</i> . . . . .	238
Geração internet . . . . .	241
Geração jogos eletrônicos . . . . .	241

Crianças índigo . . . . .	243
Geração <i>tween</i> . . . . .	247
Educação sexual . . . . .	248
Mesada . . . . .	250
Vale: desequilíbrio financeiro . . . . .	253
Telefone celular . . . . .	253
Videogames . . . . .	254
Videogames & violência . . . . .	255
Sabendo usar não vai faltar . . . . .	256
Desperdício do “não” . . . . .	257
Selva de pedra . . . . .	259
Filhos são como navios . . . . .	261
Prevenção contra as drogas já na infância . . . . .	262
Extrema liberdade . . . . .	262
Achar que o gostoso é sempre bom . . . . .	263
Não ter de arcar com as conseqüências do que faz . . . . .	263
Não ter obrigações a cumprir . . . . .	264
Ser egoísta . . . . .	264
Cair nas ondas da moda . . . . .	265
Falta de ética . . . . .	265

## PARTE 3 · FORMANDO CIDADÃOS ÉTICOS

### CAPÍTULO 1 **Os filhos da geração asa-e-pescoço de frango** . . . 269

### CAPÍTULO 2 **Cidadania Familiar** . . . . . 271

Crianças guardando brinquedos . . . . .	273
A criança precisa aprender a se organizar para viver bem e ser feliz . . . . .	274
Educação em rede . . . . .	275

Quem não cuida perde! . . . . .	276
Instinto de vencedor . . . . .	279
O que aconteceu dentro dele? . . . . .	280
Alimentando a birra do poder . . . . .	282
Instinto de perdedor . . . . .	284
O que aconteceu dentro dele? . . . . .	284
Esperança? . . . . .	286
Saber ganhar é saber perder. . . . .	286
Esvaziando a birra . . . . .	289
<b>CAPÍTULO 3 Ética progressiva . . . . .</b>	<b>290</b>
Amor dadivoso. . . . .	291
Amor que ensina . . . . .	291
Amor que exige . . . . .	293
Amor que troca . . . . .	294
Amor que recebe. . . . .	295
<b>CAPÍTULO 4 Ciúme, veneno do ciumento contra si mesmo. . . . .</b>	<b>296</b>
<b>CAPÍTULO 5 Profissão: estudante . . . . .</b>	<b>297</b>
<b>CAPÍTULO 6 “Herdeiros-esperadores” . . . . .</b>	<b>300</b>
<b>CAPÍTULO 7 Sucessores-empresendedores . . . . .</b>	<b>301</b>
Bibliografia . . . . .	307
Glossário remissivo . . . . .	309
Sobre Natércia Tiba. . . . .	313
Sobre Içami Tiba . . . . .	315

## PREFÁCIO

No começo de outubro de 2002, o mundo ficou chocado com uma cena de televisão vinda dos Estados Unidos e retransmitida por todos os noticiários: no estacionamento de um supermercado, uma mãe entrava no carro, empurrava aos sopapos a filha pequena, continuava a socá-la no banco de trás, depois se agachava e continuava a sacudir e a estapear a menina, sempre batendo e batendo mais. E o mundo viu só os sapatinhos brancos no banco, sacudidos pela dor e pelo choro.

Através de passagens como essa, tento dar uma idéia das histórias que Içami e Natércia, com base em sua experiência, reproduzem neste livro e depois analisam e interpretam, levando todos nós a pensar no que, afinal, está acontecendo; ou a concluir, em alguns casos, o que poderia, ou deveria, acontecer. Pois choca a nós todos ver na TV a mãe bater num filho ou uma babá, flagrada num vídeo, surrando outra criança.

O que mudou? Até há poucos anos, criança podia apanhar. Isso significava educar. Em casa, mães e pais davam tabefes no traseiro, no rosto, na cabeça, nas costas ou onde pudessem acertar. Tudo em nome do “educar”. Valiam palmadas, cintadas, chineladas, sapatadas, mordidas, puxões de orelha e de cabelo. Na escola, valiam a vara, a palmatória com as calças arriadas, joelhos sobre o milho e pescoções de vigilantes professores e diretores responsáveis. Quando uma criança se queixava, a mãe ou o pai diziam que era porque merecera apanhar. E por acaso os pais amavam menos os filhos do que hoje?

Já havia a TV, e se ela exibisse na cozinha um cinto pendurado, para quando fosse necessário usar, tal cena não chocaria ninguém. Os filmes mostravam com candura alunos sendo açoitados na escola, mas isso não indignava ninguém.

As vinhetas e historietas breves de Içami e Natércia causam alarme ou, pelo menos, alguma reação negativa ou de revolta. Por quê? Algo mudou?

Mudou.

A grande transformação cultural da humanidade é marcada pela aquisição do poder da mulher. Poder para controlar a prole.

A partir dos anos 70 do século XX, a cultura do filho único se propagou, e filho passou a ser considerado uma espécie nova de riqueza. Não mais como em todos os séculos anteriores da humanidade, abastança produtiva para a família, como ocorria nas proles numerosas que nasciam e morriam em grande número, mas uma *riqueza instintual*, idealizada para garantir a conservação da espécie, e espiritual, como realização humana.

Nos países escandinavos, nos Países Baixos, no norte da Alemanha (por opção), na China (por lei), chegamos a novas gerações nas quais não existem mais irmãos, primos, tios e muito menos padrinhos. Em nossa cultura, na América, o planejamento é para dois filhos.

Na Dinamarca ou na China, atitudes educacionais se tornaram culturais. Mas como castigar um filho único? As crianças passaram a ter proteção do Estado e uma superproteção na família.

Içami e Natércia mostram como o processo educacional ficou, então, distorcido e como os pais, vivendo o conflito contemporâneo dessas mudanças, juntamente com as experiências tradicionais pelas quais eles passaram, tendem, sem novos fundamentos, a confundir que basta amar, desvirtuando, assim, a proposição de que amar é educar. Inspirados nos mestres com quem todos

aprendemos, os autores ampliaram os conhecimentos para a convivência familiar, escolar e social dos dias atuais.

Dialogando com o pesquisador René Spitz, eles falam sobre depressão anaclítica por abandono do bebê e ampliam a obra do autor de *O não e o sim* (1946), que considera o “não” como organizador da personalidade, apontando para o excesso de “sim” e ilustrando: para haver o “sim”, precisa haver antes o “não”. Com Bruno Bettelheim, que, em sua obra *Uma vida para seu filho* (1987), ensina como não basta os pais serem suficientemente bons, Içami e Natércia apontam para a irracionalidade de mãe ou pai não conseguirem construir-se como pai ou mãe suficientemente. Com Berry Brazelton e Joshua Sparrow, que, desde a publicação de *Bebês e mães* (1969), vêm ensinando a importância das duas figuras parentais para o bom desenvolvimento dos filhos, os autores abarcam a amplitude atual para pais separados – em famílias que não acabam, mas se transformam. Com Aaron Beck, criador da terapia cognitiva, que, em sua obra de 1988, *O amor nunca é suficiente*, ensina os fundamentos do bom relacionamento, os autores mostram que amor não é posse, que ele se estende para a educação.

Ou seja, com amor os filhos podem ser bem-criados, ou, melhor, eles se criam, se os pais não atrapalharem. No amor, um filho se cria sozinho, mas, por mais que seja amado, ele não se educa sozinho.

Mas, para acompanhar esta obra tão ilustrativa e prática de Içami e Natércia, recomendo ao leitor ter em mente as proposições subjacentes e várias vezes reiteradas sobre a *Integração Relacional*. No primeiro capítulo, seus autores falam da saudável Teoria da Integração Relacional e, nos demais, descrevem o desajustamento e a doença relacional, além de relatar a intoxicação relacional do adolescente no grupo.

Para completar esta breve descrição de tão excelente obra, um último lembrete: para os que amam e educam, é sempre necessário estender também aos filhos as recomendações aqui feitas aos pais.

São Paulo, 12 de outubro de 2002.

HAIM GRÜNSPUN

*Psiquiatra, psicólogo da infância e da adolescência,  
professor de psicopatologia infantil da PUC-SP (1927 -2006).*

## INTRODUÇÃO

Este livro é um diagnóstico de como estamos hoje, primeira década do século XXI, e de como podemos melhorar para que nossos filhos se tornem pessoas-cidadãs, éticas, felizes, autônomas e competentes, ao receber uma educação integrada. Tal educação baseia-se na *Teoria Integração Relacional*, criada por nós, autores. Essa teoria, que tem como aspecto diferencial incluir na saúde mental disciplina, gratidão, religiosidade, cidadania e ética, será reunida oportunamente em uma inédita obra teórica, após ter sido apresentada sob aplicação prática através de vários livros.

Reescrever, cortar, ampliar e rediscutir seus critérios e exemplos foi um trabalho necessário para que *Quem Ama, Educa!* continue chegando às famílias com novos estímulos à educação dos filhos e de alunos. Ou seja, faziam-se necessárias outras reflexões educacionais, exigidas dentro de nossa sociedade contemporânea globalizada.

Assim, pais e educadores ganham novos instrumentos para lidar com mentes de crianças que, hoje, já conseguem tyrannizar seus adultos, antes mesmo de aprenderem a falar. A par disso, há uma nova parte nesta obra, *Formando cidadãos éticos*, que entendemos fundamental para os preceitos educacionais que defendemos.

Os pais estão convivendo com seus filhos cada vez menos, e os filhos começam a conviver com alguém extrafamília já desde os 2 anos de idade. As crianças não só trazem para casa as viroses mas também comportamentos que são aprendidos, além dos professores, dos seus colegas. Com os estímulos dos avanços tecnológicos, joguinhos eletrônicos, internet, videogames, telefones celulares com torpedos, fotos e e-mails, as crianças absorvem uma

identidade global às vezes mais forte que a familiar. Em cada casa, os menores são *únicos*, mas no mundo *os únicos* são muito semelhantes entre si.

Se as gerações passadas mantinham-se um bom tempo na resistência de valores iguais, agora o processo de substituição e “progresso” dura pouquíssimo: uma diferença de idade de 5 anos já é suficiente para o irmão mais novo perguntar ao mais velho: “No seu tempo já existia o telefone celular?” ou “O que é ICQ®?”. E olhem que esse diálogo acontece mesmo quando o irmão do meio também já tem um celular na mão e está usando o MSN®, ou entrando em blogs e no Orkut®...

Esta é a *geração digital* (cujas características são desenvolvidas na parte 2 desta obra), que pensa diferente, arrisca tudo por vontade, como faz nos joguinhos eletrônicos, onde o máximo de perda que acontece é a “sua morte”. Uma morte da qual ressuscita facilmente, ao reiniciar o mesmo joguinho. Uma morte que não traz nenhuma conseqüência, a não ser perder o jogo que se reinicia, sempre, como se a morte não existisse de fato. Uma geração que faz pouco-caso dos manuais, tão importantes para seus pais compreenderem a nova tecnologia com que deparavam. A distância existente entre os estímulos que os pais receberam e os filhos estão recebendo é muito grande, principalmente se os pais não acompanharam os avanços tecnológicos.

Na história da humanidade, nunca houve tantas mudanças evolutivas para a mulher, por exemplo, como nestes últimos 50 anos. Desde a feminista, passando pela “dondoca” e pela *working-mother*, para chegar à mãe maternal e à polivalente, as famílias passaram por mudanças que influíram bastante na educação dos filhos, assunto de que trato na primeira parte desta obra – que, aliás, não pode deixar ninguém de fora, mesmo os que não têm acesso aos computadores. Qualquer que seja a estrutura familiar, é de capital importância que os pais se atualizem e se

preparem para ser educadores que colocam a educação dos filhos como prioridade.

Os avanços tecnológicos cumprem funções determinadas no ser humano pelo *hemisfério cerebral esquerdo*, como seqüência, lógica, raciocínio matemático, entendimento literal e análises – levando ao sucesso escolar, profissional, nos negócios. Hoje, porém, já é mais difícil vencer na vida usando somente os poderes “masculinos” do hemisfério esquerdo.

É por isso que as máquinas ainda não podem substituir totalmente o homem, pois falta-lhes o *hemisfério direito*, responsável pelo contexto, expressão emocional e síntese. As máquinas não sentem calor humano, carinho, ódio, paixão – que são mais desenvolvidas na mulher que no homem. Para cultivar o hemisfério cerebral direito, é preciso que a pessoa ame o que faz. A máquina simplesmente executa, mas é o homem que ama ou odeia o que faz. Por isso, as características femininas relacionais, que antes eram até desprezadas, hoje são tão valorizadas.

Existem, então, funções e valores que os avanços tecnológicos ainda não contemplam. É nesses valores que a nova parte, tão necessária a esta obra, “*Formando cidadãos éticos*”, se concentra através da Cidadania Familiar.

Um filho que, ao sair de casa, já viveu e incorporou a Cidadania Familiar, terá rumos éticos para no futuro comandar este país, dar sua contribuição ao mundo – para que todos tenhamos excelente qualidade de vida e felicidade social.

∴

Do ponto de vista expositivo, este livro está, agora, dividido em três partes. Cada vez que assinalamos os problemas, buscamos seu entendimento e sugerimos resoluções. Por isso, a titulação das partes, capítulos e itens é intencionalmente muito clara e incisiva, para facilitar a compreensão do leitor.

Na parte 1, fazemos uma leitura do nosso cotidiano, evidenciando as diferenças entre ser mãe e ser pai, enfatizando as diferenças entre ser mulher e ser homem. A mãe contemporânea tenta compensar a culpa da ausência exagerando nos cuidados com os filhos, enquanto o pai acaba se omitindo. As conseqüências dessa educação permissiva encontram-se no capítulo 2, que aborda os “parafusos de geléia”, filhos que se desfazem sob qualquer aperto da vida. As garotas também estão dando muito trabalho.

“Felicidade não depende do que nos falta, mas do bom uso que fazemos do que temos”, afirmou Thomas Hardy, o grande escritor inglês. Todos os pais querem que seus filhos sejam felizes. Porém, felicidade não se dá, muito menos se compra. Temos de aprender a ser felizes. Por isso, dada a importância da *auto-estima* como base fundamental para a felicidade, falamos sobre ela em vários capítulos do livro. A *felicidade* e seus vários níveis mereceram, porém, um capítulo especial, o 4.

Quem grita perde a razão e quem perde a razão se torna um animal. Para melhor compreensão dos comportamentos humanos, pode-se ler no capítulo 3, nossa classificação dos comportamentos em três estilos: vegetal, animal e humano.

A religiosidade (gente gostar de gente) é a força do amor, que, por sua vez, deveria ser maior que a da religião. Fanáticos podem matar e destruir em nome de seu Deus; entretanto, em qualquer lugar deste planeta o amor sempre constrói, não importa se infante, adolescente, adulto, senescente ou senil.

Na parte 2, com base em nossos estudos e na experiência clínica como psicoterapeutas, pretendemos ajudar os pais no preparo dos filhos para o mundo que estamos lhes deixando e sugerimos o que tem tido comprovada eficiência: caminhos para uma nova educação.

A educação exige maior participação do “homem grávido” e do “pai integrado” para começar bem o importantíssimo primeiro

ano do bebê. A maior queixa dos pais, de que *filhos não nascem com manual*, mereceu todo o capítulo 3. Também mereceram atenção situações críticas, como chegada do irmão, hiperatividade, birras, bagunças e pequenas delinquências.

Sabemos que não há como prescindir da ajuda de terceiros num mundo em que mãe e pai trabalham fora. Abrimos, por isso, itens especiais para babás, avós e creches. A escola é essencial para a educação infantil desde a mais tenra idade. Portanto, sua boa escolha, o preparo da mochila e as lições de casa são fundamentais, porque estudo é obrigatório.

O eterno amor vale enquanto dura, disse o poeta. Não haveria então como deixar de lado os pais separados e as conseqüências da separação, nas mais diversas situações, assim como seus benefícios, quando se adentra o universo dos ex-cônjuges, com seus novos relacionamentos ou mesmo quando levam a vida sozinhos. Abordamos ainda a carinhosa atenção que os pais devem ter para não exagerar nos cuidados com os filhos adotivos, nem ser surpreendidos por filhos *DNA*.

Torna-se indispensável que os pais a cada dia enfrentem novos desafios para a educação pós-moderna. Aqui entram a geração *zap*, as precocidades comportamentais e sexuais, mesadas e vales, videogames – os predadores da selva de pedra – e a inevitável prevenção contra as drogas. Numa época de tantas perdas, a educação desperdiça “nãos”.

Por isso, criamos a parte 3, “Formando cidadãos éticos” – pois formar cidadãos vai além da educação centrada na família.

⋮

As grandes preocupações planetárias precisam de ações governamentais, mas teriam pouca eficiência se cada habitante do planeta não fizesse o que ele pode fazer. Para tanto, é preciso que a educação hoje seja um projeto racional cujo objetivo ultrapassa

a felicidade e realização pessoal porque precisamos de toda uma geração para recuperar a saúde da Terra – que foi tirada principalmente nas gerações dos nossos pais e avós.

Consumidores jovens e crianças, ignorando manuais, usam os instrumentos dos avanços tecnológicos por curiosidade e prazer de conhecê-los: desenvolvem a ação de testar, experimentar, e, se errarem, começam tudo de novo; ou, o que é mais fácil, perguntam a solução para um amigo. Seus pais somente absorvem novas tecnologias por necessidades profissionais. Muitos deles aliam às instruções do manual a experimentação de acertos e erros. Começamos, na parte 3, identificando essa *Geração asa-e-pescoço* e passamos para a *Cidadania Familiar* analisando-a em 13 subitens.

⋮

E os filhos são como navios...

A maior segurança para os navios pode estar no porto, mas eles foram construídos para singrar os mares. Por maior segurança, sentimento de preservação e de manutenção que possam sentir junto de seus pais, os filhos nasceram para singrar os mares da vida, onde vão encontrar aventuras e riscos, terras, culturas e pessoas diferentes. Para lá levarão seus conhecimentos e de lá trarão novidades e outros costumes, ou, se gostarem dali, ali poderão permanecer porque levam dentro de si um pouco dos pais e de seu país. Quem sabe, daqui a algum tempo seus pais poderão também passear por lá... pois, com certeza, quando já tiverem filhos, vão querer um dia rever seus pais.

Mas antes de os filhos singrarem mares, em casa, ainda pequeninos, eles se parecem com automóveis de Fórmula 1, que correm voltas e voltas atrás de seus interesses, mas de repente fazem um *pit stop* perto dos pais. Momento sagrado para um *Atendimento integral* e para que desenvolvam segurança interna e autonomia

para poderem, depois, dar voltas cada vez mais longas, até entrarem nos navios...

E uma das principais provisões, além das materiais, para levar nessas viagens, está no interior de cada um: a capacidade de ser feliz.

Não existe felicidade pronta, como uma riqueza guardada por piratas em algum esconderijo. A felicidade está nos passos de uma conquista, no caminhar de uma busca. Se os pais não podem seguir os mesmos passos dos filhos, tampouco os filhos devem repousar nas conquistas dos pais. Os filhos partem de onde os pais chegaram para novas descobertas e aventuras. Os filhos superam os pais. Assim caminha a civilização!

Dessa forma, a personalidade saudável é um bom alicerce para a capacitação profissional, que reverte ao social, em excelência de *qualidade de vida*. É a pessoa que qualifica a profissão, e não o contrário. A educação é um grande catalisador na absorção da *cultura*, nem tanto o inverso.

É por tudo isso que o velho dito popular “Quem ama cuida!” tem de ser aposentado, para dar lugar ao novo:

QUEM AMA, EDUCA!



— PARTE 1 —

EDUCAÇÃO:  
COMO  
VIVE A  
FAMÍLIA  
HOJE?

O que escrevo agora é uma missão impossível – tal como fazer parar o tempo. Um mesmo acontecimento pode ser recebido de diferentes maneiras conforme a história de vida das pessoas. Muitas vezes a realidade passa a ter menor valor do que a maneira como as pessoas a receberam. Mesmo assim, ousou escrever algo que possa envolver avós, pais, filhos e netos, homens e mulheres – para expor a idéia da evolução contínua e inexorável que todos nós vivemos. Dentro desta missão impossível, agrupo características que podem ser encontradas em outros grupos, até com maior intensidade, com a finalidade não de estabelecer o que é certo e errado, mas o que pode ser mais adequado na educação dos filhos.

Uma pessoa pode não ser dondoca, mas conheceu alguma outra que fosse. Outra, uma mulher feminista, enquanto sua amiga já é uma alfa-atualizada. Os filhos delas todas podem conviver em uma mesma escola. Um casamento machista com filhos pode se desfazer, e os respectivos novos companheiros, já com filhos ou não, podem ser feministas, “dondocos”, “crescidas”, metrossesuais e até *workaholics*; ...e os filhos índigos, *nerds*, informáticos, normais, hiperativos e canabistas convivem entre si. Mas lidar com todos eles de uma maneira idêntica é erro educativo.

*Aprender com o passado para melhorar o futuro dos nossos filhos* é o meu objetivo para construir uma sociedade mais ética e feliz, todos vivendo plenamente a sua cidadania, com seus direitos e deveres.

## **Evolução da mulher e de sua maternidade**

---

*A evolução da mulher mãe nestes últimos 50 anos e suas conseqüências para o marido e para a educação dos filhos.*

**O** USO DA PÍLULA ANTICONCEPCIONAL, que começou nos anos 60, está completando 50 anos. Com a pílula, a mulher adquiriu o controle da sexualidade e da natalidade. Esse passo gigantesco na história do machismo é uma das pequenas modificações que compõem uma prodigiosa evolução da humanidade jamais vista, como afirma Luiz Marins em seu livro *Homo Habilis* (Gente, 2005):

Desde o *Australopithecus*, primata da família dos hominídeos, passaram-se três milhões de anos. Mas, se esses três milhões de anos fossem condensados em apenas um ano, as mudanças radicais que temos experimentado na ciência e tecnologia teriam ocorrido somente nos últimos 15 segundos.

Acrescento a essas idéias as mudanças de costumes, novos desenhos e relacionamentos nas famílias, preocupações e ações para a preservação da Terra, gerações que duram poucos anos, os computadores e os celulares que se tornaram imprescindíveis à vida pós-moderna.

Com tantas e tamanhas mudanças, a educação se torna mais difícil, dificultando também a visão do futuro dos filhos.

Quem tem filhos com 10 anos de diferença entre um e outro já viu o mais novo perguntar ao mais velho se “no tempo dele...” já havia... A frase aponta para a certeza de que o irmão caçula já

vive um tempo diferente, a ponto de fazer a mesma pergunta que há algumas décadas um neto perguntava ao avô.

Assim, o que valia na educação dos pais tem que ser atualizado para a dos filhos. Não se consertam programas de computador com prego e martelo, como não se prende mais o filho no quarto de castigo, tampouco os pais podem responder “porque é assim e pronto!” ou mesmo “porque eu quero e chega” e muito menos “porque quem manda aqui sou eu!”.

Mais que os homens, entretanto, as mulheres passaram por mudanças radicais nos seus comportamentos, influenciando bastante a educação dos filhos. Chamo a atenção para os mais recentes movimentos destes últimos 50 anos, que considero básicos para compreendermos as crianças de hoje.

### **MULHER FEMINISTA**

FOI A MULHER QUE arregaçou as mangas e se lançou à vida e à profissão batalhando em igualdade de condições com o homem. Essas mulheres eram duronas, agressivas e por vezes masculinas em busca da independência e de um lugar ao sol. Algumas delas ocuparam cargos antes nunca exercidos por mulheres. Uma das suas precursoras foi Simone de Beauvoir, que no seu livro *O segundo sexo*, em 1949, dizia: “Não se nasce mulher. Torna-se”. Ouso dizer que o machismo tornou feminista a mulher. A mulher feminista é a versão do machismo na mulher.

### **MÃE FEMINISTA**

Esta mãe mudou o rumo da história da educação. Se poucas foram as mulheres que brilharam em suas carreiras, comparadas ao brilho dos homens, a maioria delas fez valer dentro de casa a valorização das mulheres. Suas filhas estudaram e usaram seus diplomas para invadir o mercado de trabalho, antes ocupado principalmente

por homens. A educação dos meninos não sofreu modificações significativas para o trabalho, mas alterou profundamente a visão e valorização da mulher (mãe, irmã, namorada, amiga, colega).

#### **MARIDO DA FEMINISTA**

Alguns optaram por trocar de lugar com a mulher, permanecendo como o “rei do lar”, outros “secretários executivos” de suas esposas feministas. Atrás de uma grande mulher tem um grande homem, pode-se dizer – e outros ainda se acomodaram como se fossem filhos “crescidões”. Grande parte dos maridos de mulheres feministas, porém, não largou seu trabalho nem cuidou dos filhos; entrou numa íntima competição com as esposas. Eles continuaram funcionando como machos-alfa (no conceito de Charles Darwin)<sup>1</sup> no trabalho e também em casa. Aliás, os machos-alfa, em geral, não são bons educadores, apesar de serem excelentes chefes.

#### **FILHOS DA FEMINISTA**

São poucos esses filhos, vivendo a ausência de suas mães, por causa de suas carreiras profissionais, ao contrário dos filhos de pais machistas, que eram mais numerosos e tinham o machismo reforçado em casa pela própria mãe – através do infalível controle dos filhos, com a conhecida ameaça: “Você vai ver quando seu pai chegar!”.

#### **MULHER DONDOCA**

PODE SER A FILHA DA MULHER FEMINISTA. Dondoca, segundo os dicionários, é a mulher de boa situação social, ociosa e fútil. É

<sup>1</sup> Macho-alfa é o macho dominante em um grupo de animais: é o mais forte, que impõe a sua vontade, come a melhor parte da presa antes dos outros, tem as melhores fêmeas. Mantém o seu poder enquanto for o mais forte, mas será imediatamente deposto e expulso do grupo se for vencido por outro macho, que então toma o seu lugar.

uma franca reação à mulher feminista. A dondooca, mesmo diplomada em curso superior, quer mais é ser sustentada pelo marido que mantenha também condições de arcar com as suas compras, babás e cuidados pessoais – manicure, cabeleireira, motorista, empregada, academia, cirurgias plásticas. Mas não quer ser tachada de “perua”, que, segundo os dicionários, é a “mulher de aparência e comportamento exagerados”.

#### **MÃE DONDOCA E A *WORKING-MOTHER* (MULHER QUE TRABALHA)**

Algumas mulheres exageraram na dondoquice, mas outras, mesmo cuidando tão bem de si mesmas, dedicaram-se também aos filhos. Essa etapa de divisão equânime de funções não durou muito tempo, pois a grande maioria delas preferia trabalhar em algo que não prejudicasse a educação dos filhos. O pai passou a ser mais provedor que educador, era tarefa da mãe escolher escola, viagens etc. Criou-se uma divisão de tarefas na qual o provedor era o homem, e a administradora do lar era a mulher. Homens entregavam o que ganhavam para a mulher administrar. E esta não era tão dondooca assim. O que era motivo de orgulho para umas, para outras poderia ser pejorativo.

⋮

Quando as dificuldades econômicas começaram a apertar na vida familiar, as mulheres lançaram-se mais abertamente ao trabalho, tornando necessária a presença de babás. Mesmo que o marido dissesse que o que a esposa ganhasse “seria para seus objetos e cuidados pessoais, ela sabia o quanto essa complementação salarial já era importante. Assim, as mães começaram a viver uma situação no mínimo esquisita: coitada da mãe que se matava de trabalhar; por outro lado era desvalorizada a mulher que não trabalhava: significava que a mulher “não fazia nada”.

Os filhos já viviam a era da televisão e dos joguinhos eletrônicos e iam para a escola com 2 ou 3 anos de idade. Os que podiam, eram criados como “príncipes”. Apesar de a dondoquite ser muito conhecida, a maioria silenciosa das mães dessa época começou a trabalhar por necessidades financeiras, pois o mercado de trabalho entrava em crise. Tais *working-mothers* formaram uma força importante de trabalho no mercado.

#### **MARIDO DA DONDOCA**

Arranhava a figura masculina ser “dondoco”, mas notava-se uma ponta de orgulho em quem tinha mulher dondooca. Media-se o valor do homem pelas jóias, ou carros, ou roupas da moda, ambientes, clubes e restaurantes que sua mulher dondooca usava. Esse homem vivia para o trabalho e não via os filhos crescerem. Tinha poucos assuntos a conversar com eles, mas cobrava desempenho escolar, respeito para com a mulher dele, mãe dos seus filhos.

#### **FILHOS DA DONDOCA E DA *WORKING-MOTHER***

Estes tiveram vários tipos de babá: professores de aulas particulares, motoristas, funcionárias, atividades esportivas (natação, tênis etc.), acantonamentos com colegas, vida em condomínios, televisão e joguinhos eletrônicos. Procuravam ficar mais com amigos e colegas do que em casa. Estudar para quê? Trabalhar como o pai? O que eles mais queriam era ser felizes (em oposição ao pai, que não sabia se divertir, não tirava férias). Arrastaram para a própria vida a posição passiva de ficar na frente da televisão. A maior ambição era ter uma pousada na praia.

Os pais ficavam muito distantes do cotidiano dos filhos e, quando estavam próximos, satisfaziam todas as suas vontades. Assim, a realidade dos filhos ficou muito longe do cotidiano que os pais conheciam. Quanto maior a distância, maiores pro-

blemas poderiam estar ocultos. Num exemplo contundente, é o caso do uso da maconha<sup>2</sup>. (Quando os pais descobrem que o filho está usando maconha, eles entram em desespero. Entretanto, a maconha geralmente é a *quarta* droga que o filho está usando. Já cheirou inalantes, bebeu e fumou. Entretanto, tudo isso ocorria, e os pais, distantes, nada percebiam; ou, se percebiam, relevavam...)

Esses pais pouco ou nada sabem do que os seus amados filhos aprontam nas ruas.

### **MULHER FEMININA**

ELA NASCEU COM AS CONQUISTAS DO FEMINISMO, do aprendizado com as dondocas, e hoje tem independência econômica, autonomia de comportamento e é suficientemente resolvida para admitir que gosta dos homens, mesmo não dependendo deles. Significa que ela não se submete ao machismo. Pode e procura ser admirada pela beleza, sem se achar fútil. Larga um companheiro se não o ama e não se perde quando está sem companheiro. Ou seja, admite que ama o homem, mas sobrevive mesmo sem ele.

Machismo é um papo que já era. Ela é a líder da sua própria vida. Filha e neta da mulher feminista e da mulher dondoca, tem segurança e auto-suficiência sem precedentes, enfrentando tudo com elevado grau de competitividade, tanto na vida acadêmica quanto na profissional, sem perder a vaidade para se produzir, investindo em saúde sem temor de ser tachada de fútil. Sua liderança, ambição e visão, em todas as direções, são também alimentadas pelos hormônios femininos com um pequenino e fisiológico grau de hormônio masculino, não suficiente para “provocar guerras”, mas, sim, para reagir veementemente contra in-

2 Para saber mais, ler *Juventude & Drogas: Anjos Caídos*, de Içami Tiba. São Paulo: Integrare, 2007 (N.E.).

justiças e ataques de terceiros. Isto é, a mulher está adquirindo as características do macho-alfa sem o despotismo e a violência testosterônica. A mulher de hoje seria a alfa-evoluída, pois chamá-la simplesmente de mulher-alfa seria colocar nela as características do macho-alfa.

Entretanto uma questão básica é a tomada de decisão entre investir na carreira profissional ou na maternidade. Umas querem se realizar na profissão antes de ser mãe – e a ciência está ajudando a maternidade tardia. Outras querem lançar-se profissionalmente após os filhos crescerem – a ciência tem ajudado as mães a não serem matronas.

#### **MÃE FEMININA**

É na maternidade que a mãe feminina se perde. Parece que o instinto materno é mais forte que ela mesma. Por um filho, ela faz o que não faria por ninguém, nem por ela mesma. Talvez um recém-nascido precisasse de uma mãe assim mesmo. Mas ela erra quando, por amor, passa a poupá-lo de esforços necessários para o crescimento dele próprio e faz por ele o que ele mesmo deveria fazer. Assim o filho não constrói uma auto-estima saudável. Quanto mais o filho se desenvolver, melhor será para ele mesmo, seus pais, sua família, para a sociedade e para o planeta Terra.

A mãe, mesmo sendo feminina, perdoa e não cobra a consequência das ações de um filho pequeno, autorizando-o a fazer o que tem vontade e não o que deve ser feito. Não é amor demais. É falta de conhecimento dos atuais padrões elementares de uma boa educação, da formação de um cidadão. Perdoar é para castigos. Hoje os castigos não educam. O que educa são as consequências – transformar erros em aprendizados através de ações diretamente relacionadas aos erros.

O principal “veneno” da educação dos filhos é a culpa. Culpa de trabalhar fora, quando pensa que devia estar com os filhos.

Culpa de estar com os filhos, quando acha que devia estar trabalhando. Essa mulher ainda se responsabiliza pelo que o filho faz na sua ausência, com a clássica pergunta “onde foi que errei?”.

Mesmo tendo a mulher evoluído bastante nas últimas décadas, como mãe ela evoluiu muito pouco. Em certos aspectos ela continua como a jurássica mãe a defender os filhos contra as onças, ferozes devoradoras de criancinhas suculentas. Mas essa lentidão se deve também ao papel de pai, que continua muito primitivo quando é simplesmente um provedor.

Como trabalham fora e ficaram mais independentes (financeira e afetivamente) do homem, algumas mulheres exageraram em “produções independentes”. Criam seus filhos dispensando a presença do pai deles – que serviu somente para fecundá-las.

Há outros filhos que ficam sem pai, pois este virou “ex-pai”, foi embora, e é a mãe que os cria sozinha, não abre mão de tê-los consigo. Um dos maiores acertos educacionais é a mãe não pretender ser “pãe” – mãe querendo suprir também o papel do pai que está ausente. Pois um filho cresce mais saudável com mãe no lugar de mãe, sabendo que às vezes o pai virou ex-pai. Esta verdade dói, mas em tempo certo o filho poderá saber que seu pai não assumiu a família.

#### **MARIDO DA FEMININA**

O homem tem se esforçado e vem se adequando aos poucos para poder se dar bem com a mulher (esposa, namorada, amante, companheira). Mas são mudanças periféricas que ainda não atingem suas características fundamentais. Basta descuidar um pouco que logo lhe brotam as características machistas jurássicas. Basta também se interessar por outra mulher, e lá vai ele procurando adequar-se para tornar-se atraente para ela. Aliás, essa tentativa de adequação põe abaixo o homem que quer se impor somente pelo “seu jeito de ser”.

Alguns homens evoluíram bastante e já receberam um batismo: metrossexual (homem da metrópole), o homem que cuida do seu corpo, da sua aparência, de suas roupas, usa cosméticos, faz depilações e cirurgias plásticas para se embelezar sem que tudo isso fira sua masculinidade. Respeita a existência e pontos de vista da mulher, ajudando-a no que lhe é possível, desde ir para a cozinha até reuniões escolares dos filhos, passa a trocar fraldas e fica acordado à noite sem se sentir afeminado. Em geral é bom pai e procura ajudar bastante sua esposa a cuidar das crianças, mesmo que não sejam seus próprios filhos.

Outros homens não evoluíram tanto assim, a ponto de serem metrossexuais, mas estão dando tímidos passos para distanciar-se do clássico machismo. Pois a mulher feminina aceita mais o homem como ele é, desde que não seja machista, agressivo, desrespeitoso, mal-educado; nem tanto trabalhador, nem tanto explorador – prefere que ele seja sincero, carinhoso, afetivo, sensível, forte o suficiente para mostrar suas fraquezas, que decida com ela o futuro dos filhos, os projetos de vida, onde passar as férias, que carro comprar, onde morar.

A mãe feminina quer dividir com o seu marido a educação dos filhos, as contas a pagar, “discutir a relação”. Já não aceita mais ser submetida ao homem pelo simples fato de ele ser provedor. Essa mãe tirou o pesado fardo imposto ao marido pela mulher dondoca.

#### **FILHOS DA FEMININA**

Assim como a mulher feminina quis “discutir a relação com o companheiro”, sem querer ser autoritária nem dondoca como suas antecessoras, a mãe feminina quis fazer o mesmo também com os seus filhos. Talvez aqui esteja a maior complicação na qual ela se meteu, pois os filhos saíram realmente às avessas do que ela pretendia.

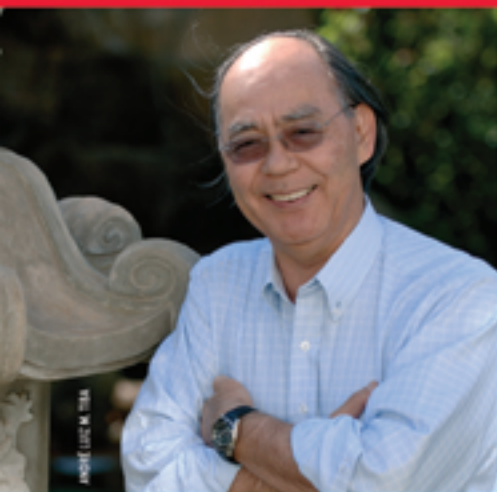
Criancinhas não podem ter a mesma força que seus educadores. Porém as mães femininas não quiseram impor nem o que era necessário: limites, respeito, obediência, dever, dando autoridade através de permissividade às vontades dos filhos. Ou seja, as crianças começaram a exigir que as mães satisfizessem suas vontades, adequadas ou não. Para tanto, usavam qualquer argumento, valendo-se até das próprias incongruências das suas mães. Alguns pais também começaram a agir como mães femininas e, com isso, perderam também sua autoridade inerente ao papel de educador. O exemplo clássico dessa situação é quando uma criança se nega a fazer o seu dever, e sua mãe – no lugar de estabelecer que suas vontades têm limites e que dever se esclarece e não se discute – passa a “discutir a relação”. A melhor maneira de perder a autoridade de educador é perguntar ao filho se ele quer ou não cumprir o seu dever.

Acredito que não esteja longe o dia em que a mulher será também mais natural como mãe. Pois, como feminina, a mulher está “progredindo” a passos gigantescos.

Se até 1975, de cada 100 mulheres, 25 trabalhavam, em 2002 já eram 50, tendo aumentado portanto 100%. Também passaram a ganhar mais. Em comparação com o que era pago para o homem, para a mulher se pagavam somente 55% do salário pago ao homem em 1981. A partir de 2002, dados do IBGE mostram que ela passou a receber 70%. A diferença salarial continua diminuindo, e o número de mulheres trabalhando fora continua aumentando<sup>3</sup>.

3 Ao longo deste livro vou abordar diferentes tipos de educação que diferentes mães usam, conforme suas próprias possibilidades e conhecimentos. Se existem filhos folgados é porque os pais deixaram-se sufocar. Se existem filhos birrentos é porque os pais, talvez sem perceber, reforçam a birra. Nada existe por si só. A família é uma rede de relacionamentos na qual o que um faz reflete diretamente no outro e indiretamente sacode um terceiro enquanto reprime um quarto integrante. De uma certa maneira, todos estão ligados entre si.

# İÇAMI TİBA



LONGA VIDA  
FELICIDADE



Estamos no século XXI: educar não é mais seguir os padrões dos nossos pais, mas quebrar velhos modelos, atualizando-os com novos paradigmas. Pais e educadores precisam absorver o novo ritmo da geração digital de jovens, que, mergulhada em tantos estímulos tecnológicos, muitas vezes, funde-se à identidade dos grupos, permitindo que esta se sobreponha à estrutura familiar.

Nesta nova versão da grande obra *Quem Ama, Educa!*, livro de cabeceira de inúmeras famílias em todo o Brasil, o renomado educador e **Dr. İçami Tiba** e sua filha **Natércia Tiba**, psicóloga e psicoterapeuta de crianças e adolescentes, trazem a pais e educadores a oportunidade de aprender a aplicar uma *educação integrada* – para fazer dos filhos pessoas felizes, autônomas e competentes.

Nesta versão contemporânea, foca-se sobretudo a formação de jovens que serão *cidadãos éticos*. Pertencer a uma família que a ama faz com que a criança desenvolva sua auto-estima e construa seu bem-estar.

“Educar é uma obra-prima, uma obra realmente artesanal, cujo resultado é a futura felicidade dos filhos e de todos à sua volta. Por isso, *Quem Ama, Educa! Formando cidadãos éticos.*”

İÇAMI TİBA

AO ADQUIRIR  
ESTE LIVRO VOCÊ  
APÓIA A ONG



Ao publicar este livro, *Quem Ama, Educa! Formando cidadãos éticos*, İçami Tiba traz ao leitor inspiração para educar com amor.

Doar parte da renda obtida por esta publicação para a Beneficência Nipo-Brasileira de São Paulo também é um ato de amor.

IGNÁCIO TADAYOSHI MORIGUCHI  
Presidente da Beneficência Nipo-Brasileira de São Paulo  
[www.enkyo.org.br](http://www.enkyo.org.br)

63082

